



### **Trabalhadores em educação no Recife: tecendo algumas considerações sobre as agitações reivindicativas dos professores da rede estadual em Recife nos anos 80.**

Jannaiara Barros Cavalcante<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

Este trabalho visa tecer algumas considerações sobre a movimentação dos trabalhadores em educação no Recife, especificamente professores que, nos anos 80 tendo em vista a ascensão das classes trabalhistas na luta pelos seus direitos, passa agora a adotar um posicionamento de confrontação diante, tanto das mazelas do cotidiano escolar, quanto das carências econômicas devido a falta de assistência governamental. Transversalmente, se insere no campo da história da educação, à medida que levanta problemáticas referentes esta.

**PALAVRAS- CHAVE:** direitos, lutas, associações.

#### **ABSTRACT**

This paper aims to present some considerations on the movement of workers in education in Recife, specifically teachers, in 80 years in view the rise of the working classes to fight for their rights, will now take on a position of confrontation, both the ailments the school routine, as the economic needs due to lack of government assistance. Across, fall within the field of history of education, as it raises issues regarding this.

**KEY WORDS:** rights, struggle, and associations.

No que cerne a História da Educação, compreende-se que a produção de trabalhos ligados à mesma têm sido significativas. Observa-se que vêm dando uma maior atenção aos processos de desenvolvimento curriculares e até mesmo práticas pedagógicas. Isso, diga-se de passagem, é extremamente significativo para que se possa melhor compreender as mazelas que permearam o sistema educacional como um todo. Contudo, tendo em vista os problemas conjunturais e estruturais que afetaram e ainda afetam os sujeitos

---

<sup>1</sup> Mestranda em História, Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: janna-barros@hotmail.com



envolvidos nas práticas de trabalho escolares, pensamos na construção de um trabalho com o intuito de trazer um pouco à tona de que forma se davam as manifestações dos trabalhadores em educação no Recife, considerando sobretudo, o contexto social de efervescência política, tanto da flexibilização do regime militar, quanto a emergência dos movimentos trabalhistas.

Com relação à organização dos professores, categoria analisada na pesquisa desenvolvida, se entende que houve uma trajetória organizativa marcada pelo caráter associativo. Essa configuração possui relação com as restrições da Consolidação das Leis Trabalhistas que negava ao funcionário público o direito de sua organização em sindicatos. A estrutura sindical dos funcionários públicos só passará a existir a partir da implantação da Constituição de 1988.

Detalhando mais o contexto dos movimentos associativistas dos professores da rede pública estadual do Recife anos 80, cabe ressaltar que a partir do momento em que há um crescimento da onda de greves e agitações por parte dos trabalhadores operários a nível nacional, passa a existir também um crescimento de participação dos trabalhadores ligados ao serviço público. Manifestações trabalhistas que, segundo Leôncio Martins Rodrigues eram caracterizadas intensamente por trabalhadores de “ macacão” e “ mãos calejadas” passam agora no início dos anos 80 a contar com a presença dos trabalhadores em educação de uma forma bastante expressiva.

Especificamente no Recife, havia duas associações destinadas aos professores. O Centro de Professores de Pernambuco ( CPP), e a Associação dos Professores do Ensino Oficial de Pernambuco ( APENOPE). O contexto de greves e inquietação partidária, aos quais essas duas associações irão presenciar e vivenciar se insere no movimento intenso do chamado “ novo sindicalismo”. Quanto ao uso desse termo, precisamos apontar que compactuamos da linha de pensamento de Ricardo Antunes, não sendo então visto a questão do novo em oposição a velho. Acreditamos que se trata da construção de um discurso de afirmação do movimento dos trabalhadores, sobretudo operários, e que posteriormente esse discurso irá se enfraquecendo.

O autor nos diz que nesse momento:

Houve um enorme movimento grevista; ocorreu uma expressiva expansão do sindicalismo dos assalariados médios e do setor de serviços; deu-se continuidade ao avanço do sindicalismo rural, em ascenso desde os anos 70; houve o nascimento das centrais sindicais, como a Central Única dos Trabalhadores ( CUT) fundada em 1983. ( ANTUNES: 1998:150)



Em Recife, a imprensa trata de colocar esse discurso em suas colunas: Em artigo do Diário de Pernambuco de 1979 diz-se:

Congregam de um lado, uma renovada liderança sindical, que procura a todo custo desvincular-se do passado em afirmações sistemáticas de total independência das velhas lideranças trabalhistas, de outro as velhas lideranças, tanto as que ficaram no anonimato da fase revolucionária como as que ficaram compelidas a férias forçadas no exterior, na tentativa de influenciarem no processo econômico, social e político do país ( DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 13 de fevereiro de 1979)

Quanto à questão da criação da Central Única dos Trabalhadores, a partir desta, houve a polarização entre as associações. No caso da APENOPE, fica evidente a sua aproximação com a CUT de Pernambuco, uma vez que nos próprios folhetins<sup>2</sup> da mesma e nas atas de reuniões há a indicação da aliança dos líderes da APENOPE com a instituição.

Nessa perspectiva percebemos que houve o:

aparecimento de novas lideranças entre os professores, partidária de uma perspectiva que considera o professor como um “trabalhador em educação”. Esta concepção expressa a deterioração das condições salariais e de trabalho causadas pela crise econômica e se contrapõe a idéia da profissão como sacerdócio ( CATANI, 2002:89)<sup>3</sup>

Como é possível perceber, a tendência do “ser professor por vocação”, passa então a ir se esgotando diante das conturbações geradas pelas crises do sistema capitalista e da ebulição dos movimentos sociais, o professorado agora vai das salas às ruas, em busca de melhores condições de vida e de expressar as insatisfações relacionadas ao cotidiano escolar. Temos então, questões relacionadas ao desejo de constituição dos indivíduos enquanto sujeitos sociais, e também da luta pela efetivação da cidadania. Dizemos efetivação da cidadania, pois consideramos a idéia de que a cidadania foi conservada como “*privilégio de classe, fazendo-a ser uma concessão regulada e periódica da classe dominante às demais classes sociais, podendo ser-lhes retirada quando os dominantes assim o decidem ( como durante as ditaduras.*”( CHAUI, 1994:54).<sup>4</sup>

A partir do momento em que os professores lutavam por uma escola pública de qualidade, indo às ruas, fazendo atos como acampar em frente à secretaria de educação do

<sup>2</sup> JORNAL DA GREVE, CUT Recife- PE, 20 de agosto de 1987, p. 2

<sup>3</sup> Ver CATANI, Denice Bárbara, BASTOS, Maria Helena Camara. Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

<sup>4</sup> CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.



Recife, fazendo panfletagens, piquetes nas escolas, não só estavam se constituindo enquanto sujeitos sociais, como também estendendo o direito de cidadania à escola como um todo.

É preciso apontar que em meio a todo o movimento grevista que envolveu o magistério em Recife, boa parte do contingente eram mulheres. A APENOPE, por exemplo, era formada em sua maioria por professoras ligadas ao ensino primário, ou educação infantil. Estamos transversalmente, abrindo espaço para uma história das mulheres. Afinal, os movimentos sociais que emergem nos anos 80 contaram com forte inserção da mulher como sujeito histórico, sua capacidade de enfrentamento e de participação na transformação das condições de vida. Em se tratando da educação, fica clara a forte presença da mulher nos espaços escolares. Nesse momento cabe dizer que havia também uma imprensa periódica, que trazia discussões levantando problemáticas voltadas para as mulheres. Tendo em vista que esta associação era ligada à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e ao Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), havia então o consumo de textos referentes ao papel da mulher na Educação. E isso irá se intensificando. Só para ressaltar, quando começam as discussões sobre a formação da nova constituição, há por parte dos jornais da CNDM a produção de textos intitulados “A mulher e a Lei de Diretrizes e Bases”, “A mulher como profissional da educação”. Enfim, os trabalhadores em educação ligados a APENOPE, sobretudo, pareciam então adotar um discurso não feminista, mas sim feminino, à medida que, havia o reconhecimento de que seu contingente de membros era formado majormente por mulheres.

É interessante que discutamos sobre as experiências dessas mulheres no conjunto de suas reivindicações, principalmente nesse momento do início da década em que imprensa pernambucana vinha trazendo inúmeros debates sobre o momento político, que embora fosse de flexibilização e de grande discussão sobre como se daria o processo de abertura, ainda era caracterizado pelas tensões sociais, pelo medo da repressão e no caso dos professores medo inclusive da própria vigilância que, se fazia presente na escola tendo em vista que, aqueles que participassem das greves, passavam a ser vistos muitas vezes como subversivos. Professores considerados demasiado envolvidos em uma política de contestação poderiam vir a sofrer alguma espécie de castigo por intermédio do diretor. Castigo esse que poderia se constituir na transferência do professor para uma escola distante ou com maiores problemas estruturais, dentre outras coisas. Temos então a idéia de que o castigo deveria ser em si uma técnica de correção<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Ver FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2009 p. 112



Nessa perspectiva podemos citar que não só o Estado, era promovedor do medo. O poder não se encontrava nas mãos unicamente do Estado, mas havia uma circularidade. Basta pensar em como se processava o cotidiano do professor em meio ao momento de abertura, que embora já proporcionasse aos indivíduos certo alívio, ainda era de muita tensão. Sendo assim, adotamos a idéia de que: *“O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”*( FOUCAULT: 1979:8)<sup>6</sup>

A partir desse direcionamento, acreditamos que, faz-se preciso um olhar não só quanto às questões mais estruturais sobre as mazelas que envolvem a categoria docente, mas que precisamos trazer a tona questões que estejam de fato relacionadas com o cotidiano dos sujeitos responsáveis pelo fazer da escola.

Tendo em vista essa questão, é interessante citar aqui que em uma greve realizada pelos professores da rede pública estadual, no Recife, no ano de 1986, uma das reivindicações, além da questão de aumento salarial, era a da eleição para a escolha do gestor escolar. O Diário de Pernambuco inclusive, trata sobre essa questão, dizendo:

Os professores da rede oficial de ensino vão decretar “ greve de advertência” a partir do próximo dia 10 terça- feira, mantendo-se até o dia 17, quando realizarão nova assembléia para avaliar o movimento e discutir se continuam a paralisação. ( Diário de Pernambuco, quinta –feira, 5 de junho de 1986).

Nesse contexto, houve por parte do advogado da APENOPE, um discurso de encorajamento, tendo em vista o medo por parte do magistério em existir conseqüências com relação a sua participação. Sendo assim, o advogado da instituição, defende severamente a participação dos professores na movimentação grevista, citando inclusive textos constitucionais para apontar que os professores tinham todo o direito de estarem engajados naquele tipo de manifestação.

A constituição diz que todos são iguais perante a lei e que ninguém pode ser discriminado. Todos são iguais, todos têm o mesmo estômago e, independente de serem estatutários ou CLT, todos podem fazer greve”. O pessoal animou-se mais, e quando ele firmou que “ aqueles que não têm coragem de lutar não são dignos de vencer”, as palmas ressoaram com identidade. ( Diário de Pernambuco, quinta feira 5 de junho de 1986)

---

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.



O discurso do advogado revela que este tipo de envolvimento por parte dos professores se constituía em uma realidade nova. A manifestação escancarada não fazia parte da realidade dos professores em outros momentos. Seja pelo peso do regime militar anteriormente, seja pelo próprio caráter beneficente que as associações de professores tiveram logo no início de suas configurações em outros momentos da história.

São as experiências desses sujeitos que pretendemos trazer à tona e que são indispensáveis para se compreender mais sobre questões relacionadas tanto a história da educação, quanto a questões referentes aos movimentos sociais.

A categoria experiência é aqui utilizada tendo como aporte teórico o pensamento thompsoniano. Segundo Thompson “*os homens tratam as experiências em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam*”<sup>7</sup>. A forma como essas experiências são tratadas é o que proporcionará ou não a construção de uma consciência de classe.

Se detemos a história num determinado ponto, não há classe, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências. Mas se examinarmos esses homens durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões em suas relações, suas idéias e instituições. A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história ( THOMPSON, 1987:11)

Nesse sentido, a partir da construção de uma história vista de baixo, faz-se necessário não só trazer à tona as experiências dos professores em um período de ascensão dos movimentos sociais, e também dos novos movimentos sociais, como também discutir sobre como elas eram percebidas pelos sujeitos engajados nessa trama da história.

A categoria experiência é indispensável ao historiador já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social. Só a partir da observação do tratamento que os indivíduos deram a suas experiências é que podemos então falar da construção da consciência de classe por parte dos mesmos. “*A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais, encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada o mesmo não ocorre com a consciência de classe.*”(THOMPSON,1987:10)

Entendemos também que para se fazer uma análise das experiências ou mesmo seu resgate, faz-se preciso não só a utilização das fontes impressas, mas também a utilização da história oral como metodologia e como fonte. E nesse ponto é preciso que tenhamos

---

<sup>7</sup> THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 28



bastante cuidado, uma vez que ao se fazer com que os indivíduos exponham suas memórias, temos que estar atentos ao fato de que:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “ desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. ( BOSI, 2003: 46-47).

Assim, o cruzamento com as fontes precisa ser realizado a fim de que , o quanto for possível, as lacunas sejam preenchidas. Não existindo obviamente a intenção de se fazer um trabalho fechado à novas interpretações, uma vez que pensamos que deve ser característica das produções historiográficas reconhecer suas limitações e estar aberta a novas possibilidades de interpretação. Por mais que o historiador busque e se empenhe em seu trabalho visando a construção de um trabalho que tenha credibilidade e que esteja estruturado teórica e metodologicamente, é preciso reconhecer que , ao contrário de tantas outras ciências, nas produções historiográficas a verdade não pode ser alcançada. E nesse sentido precisamos entender que:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua” política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe se faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” ( FOUCAULT,1979:12).

Tendo em vista esta afirmação, podemos dizer que o cuidado ao se tratar daquilo que é tido como “verdade” deve ser constate. Da mesma forma que os sujeitos, constroem novas significações sobre seu passado a partir das experiências que tem no presente, segundo uma visão bergsoniana, as verdades são também formuladas por instituições e acabam se enraizando e sendo transmitidas de uma forma inquestionável, dogmática.

Discutir sobre as questões pertinentes aos professores, em um momento de ascensão das manifestações grevistas dos anos 80 e suas mobilizações junto às associações de classe, significa discutir sobre uma história que pouco vem sendo estudada em uma perspectiva histórica. E através desta pesquisa percebemos que os professores do Recife, de



fato se inseriram no contexto de lutas e vinham efetivamente se constituindo enquanto sujeitos sociais.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecleia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena C. *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Francisco C. Teixeira. *Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985*. In: O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 245.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa I: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.